

Muriel Salmona



Sexual Violence, Dissociation, and Inequality

A Guide to Understanding
Traumatic Memory





A política do trauma a partir de Muriel Salmona

The politics of trauma in Muriel Salmona's framework

DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.v19i1.1770>

Submissão: 17/03/26

Aprovação: 14/04/26

Fábio Luiz Nunes

<https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>

1 Resenha

SALMONA, Muriel. *Sexual violence, dissociation, and inequality: a guide to understanding traumatic memory*. Trad. Kate Rose e Muriel Salmona. New York (Estados Unidos da América): Routledge, 2025. 270 p. ISBN: 978-1-032-80261-9.

A violência sexual constitui um fenômeno socioclínico com implicações severas para a saúde pública em escala global, cujos efeitos deletérios para a integridade física e mental têm sido extensivamente documentados. Investigações de grande escopo, como um relatório da Organização Mundial da Saúde (Krug *et al.*, 2002) e um estudo sobre experiências adversas na infância (Felitti *et al.*, 1998), já demonstravam, décadas atrás, uma associação estatisticamente significativa entre a exposição à violência interpessoal e o subsequente desenvolvimento de patologias crônicas e redução da expectativa de vida. É no interior desse quadro referencial que se localiza *Sexual violence*,

dissociation, and inequality: a guide to understanding traumatic memory, publicada em 2025 pela editora Routledge. Trata-se da versão anglófona do original francês *Le livre noir des violences sexuelles*, ainda sem tradução para a língua portuguesa, e apresenta, dentre outros elementos, um exame dos mecanismos neurobiológicos subjacentes à memória traumática.

A responsabilidade pela autoria do livro é de Muriel Salmona, psiquiatra francesa cuja prática clínica e investigativa se concentra no tratamento de vítimas de violência. Seu percurso acadêmico e profissional distingue-se por uma atuação sistemática na defesa dos direitos dessas vítimas, exemplificada pela fundação e presidência da Association Mémoire Traumatique et Victimologie. Salmona é também membro da Cátedra Internacional Mukwege e da Comissão Independente sobre Incesto e Violência Sexual contra Crianças (CIIVISE). O seu trabalho e compromisso com a causa foram reconhecidos com a atribuição da Legião de Honra, a mais alta distinção civil francesa, em 2018.

No capítulo de abertura, “The consequences of sexual violence”, a autora estabelece sua proposição principal ao postular a violência sexual como uma crise de saúde pública, sistematicamente negligenciada pelas instituições médicas e psiquiátricas. Salmona (2025) afirma que essa omissão institucional é agravada pela prevalência de abordagens psicanalíticas que, ao priorizarem fantasias e conflitos internos, obscurecem a realidade das agressões. Tal historicidade do descaso é também discutida por Bourke (2012), que documenta como, no contexto anglo-americano, os efeitos da violência sexual foram durante muito tempo circunscritos às esferas física e social, tendo permanecida invisibilizada a dimensão psicológica. Além disso, a crítica de Salmona (2025) à psicanálise, uma abordagem psicológica clássica para se compreender a violência sexual, pode ser contextualizada pelo percurso intelectual que Cazabat (2004) descreve, no qual o abandono da teoria da sedução por S. Freud gerou uma prolongada amnésia teórica sobre o trauma real.

No capítulo seguinte, “The shattered mind”, Salmona debruça-se sobre os fundamentos neurobiológicos do trauma. A autora sustenta que o cérebro, projetado para responder a perigos ordinários através da circuitaria envolvendo a amígdala e o hipocampo, reage de maneira distinta à violência extrema. Diante de uma ameaça avassaladora, a atividade cortical é paralisada, induzindo um estado de imobilidade tônica. Para prevenir danos neurológicos severos ou a morte decorrente do estresse excessivo, o cérebro ativa um mecanismo de sobrevivência radical: a disjunção. Esse

“curto-circuito” interrompe a comunicação entre as estruturas cerebrais, sobretudo entre a amígdala e o hipocampo, impedindo que a experiência seja integrada como uma memória autobiográfica coerente. A concepção de Salmona (2025) também recupera a linhagem intelectual de P. Janet, revisitada por Cazabat (2004), cuja noção de uma “fobia à recordação” prenunciava a compreensão contemporânea do bloqueio hipocampal.

Intitulado “The time-machine from hell”, o terceiro capítulo mergulha na natureza da memória traumática, distinguindo-a fundamentalmente da memória autobiográfica. Esta última é uma recordação narrativa que pode ser reavaliada e integrada, ao passo que a primeira é uma revivescência sensorial e emocional bruta. A experiência traumática permanece não processada, encapsulada na amígdala e pronta para ser reativada por gatilhos. Essa reativação transporta a vítima de volta ao momento da violência, com a mesma intensidade de terror e dor originais. Salmona (2025) descreve esse fenômeno como uma “colonização” da mente, na qual fragmentos da agressão invadem a consciência, gerando sofrimento contínuo. A análise, porém, pode ser complexificada pela perspectiva de Niedergang e Piterbraut-Merx (2021), que investigam como os códigos linguísticos e políticos de uma comunidade são determinantes para que uma experiência seja sequer nomeada como “violência”. A universalidade neurobiológica descrita por Salmona (2025) pode, dessa forma, ser condicionada a um ato social prévio de significação. A ausência histórica desses códigos, como demonstra Bourke (2012), explica por que razão a violência sexual não foi reconhecida como fonte de trauma psicológico até recentemente.

No capítulo quatro, “Traumatic dissociation”, a autora tece uma investigação sobre as manifestações clínicas da disjunção cerebral. A psiquiatra descreve a *dissociação peritraumática*, um estado de anestesia emocional e física, desrealização e despersonalização que ocorre durante a agressão. Esse mecanismo de defesa, apesar de essencial para a sobrevivência no momento da violência, torna-se patológico quando perpetuado, resultando em sintomas dissociativos crônicos que fragmentam a identidade e a percepção da realidade. A autora sublinha que essa desconexão emocional torna as vítimas presas preferenciais para agressores, que se aproveitam de sua aparente indiferença e vulnerabilidade. O percurso histórico desse conceito, mapeado por Cazabat (2004), mostra como a compreensão da dissociação evoluiu desde os primeiros estudos sobre histeria até as formulações contemporâneas, nas quais o trabalho de Salmona se situa. As consequências antropológicas e políticas dessa dissociação são, por exemplo, ilustradas pela pesquisa de

Niedergang e Piterbraut-Merx (2021), segundo a qual certas comunidades podem interpretar erroneamente as reações dissociativas como uma forma de “iniciação”, falhando em reconhecer os sinais de um trauma profundo.

Salmona (2025), no capítulo intitulado “On your own: survival strategies of victims”, descreve as táticas iniciais que vítimas de violência sexual empregam para evitar o estouro da memória traumática. Na seção “Avoidance, control, and hypervigilance”, Salmona (2025) salienta que a evitação de estímulos associados ao trauma, sejam lugares, emoções ou sensações físicas, atua como uma forma de autoproteção, ainda que gere isolamento e perda de autoconfiança. Embora lógicos para quem vive sob constante ameaça, tais comportamentos podem levar a amnésias psicogênicas e paralisar funções cotidianas, como trabalho e relações sociais, conforme também observa Salmona (2018, 2025) ao explicar a disjunção emocional provocada pelo trauma.

Em um segundo momento desse mesmo capítulo, Salmona (2025) põe ênfase no caráter desadaptativo das referidas estratégias, mostrando como a hipervigilância e o controle ambiental podem evoluir para fobias, distúrbios do sono e limitações severas em atividades profissionais e sociais. Em consonância com essa ideia, Niedergang e Piterbraut-Merx (2021) comentam que tais mecanismos de defesa solidificam a normatividade de “sobrevivência” em espaços LGBT+, onde vítimas de abuso podem adotar postura de autoproteção semelhante às descritas por Salmona (2025).

O capítulo seis, “See no evil: denial and misrepresentation of violence”, inicia com a desconstrução de mitos que naturalizam a violência sob o pretexto de amor ou disciplina. Salmona (2025) demonstra, na seção “Totalitarian semantics”, que a linguagem é capaz de distorcer atos cruéis em supostos cuidados parentais ou crimes passionais, compelindo a vítima a se ver como cúmplice de seu sofrimento. Kelly (2019) já havia discutido, no continuum de violência sexual, a forma como diferentes agressões são racionalizadas e incorporadas culturalmente, reforçando a negação social do impacto real desses atos.

Na seção seguinte, “The violence of denial”, a psiquiatra aponta que essa negação institucionalizada perpetua a impunidade dos agressores e impede cuidados adequados às vítimas, tornando espaços supostamente seguros, como a família, a escola ou as instituições de saúde, ambientes centrais de violência oculta. Para Niedergang e Piterbraut-Merx (2021), que observam

esse fenômeno no contexto queer, a recusa em encarar a violência sexual infantil equivale a um apagamento político, que silencia vozes dissonantes em prol de uma narrativa de liberdade irrestrita.

No sétimo capítulo, “The lives of victims”, Salmona (2025) fornece depoimentos que ilustram as trajetórias de isolamento, recaídas em comportamentos de dissociação e dificuldades de reintegração social e jurídica após o trauma. Em trabalho anterior, a autora já descrevia os mecanismos de dissociação traumática que encobrem memórias dolorosas em estruturas subcorticais, dificultando a elaboração narrativa dos eventos e alimentando ciclos de revitimização (Salmona, 2018).

Na seção intitulada “Instrumentalized and sacrificed”, Salmona (2025) discute como vítimas são transformadas em “hóstias” sociais, carregando a responsabilidade de ocultar a violência sofrida para preservar mitos de segurança coletiva e mantendo-as em posição de subalternidade. A esse respeito, cabe fazer menção ao trabalho de Kelly (2019), que também alerta para o uso estratégico do silêncio e da culpa, fato que impede a denúncia e reforça hierarquias de gênero e poder, um fenômeno evidenciado nos depoimentos reunidos por Salmona (2025) e analisado criticamente no continuum de violência sexual.

Já “Who are the perpetrators?”, o oitavo capítulo, dedica-se a examinar a gênese dos agressores, mostrando que o uso instrumental da violência funciona como uma espécie de anestésico para as próprias memórias traumáticas dos perpetradores, criando um ciclo vicioso de dependência à agressão. Niedergang e Piterbraut-Merx (2021) uma vez mais complementam essa análise ao discutir como normas queer podem, inadvertidamente, legitimar dinâmicas de poder abusivas sob o verniz da liberdade sexual.

Em “Types of abusers and perpetrators”, uma das seções desse capítulo, Salmona (2025) diferencia os *agressores ocasionais*, que reconhecem o horror do próprio ato e buscam redenção, dos agressores “profissionais”, caracterizados por narcisismo e insensibilidade absoluta, incapazes de empatia ou remorso. Essas categorias, relacionadas com a ideia de “adição à violência”, reforçam, na perspectiva da autora, a necessidade de políticas públicas que combinem medidas sancionatórias ao tratamento especializado do trauma tanto de vítimas quanto de agressores.

No capítulo nove, “Surviving unspeakable and unspoken violence”, Salmona (2025) investiga as matrizes sociopolíticas que sustentam e perpetuam o trauma. A autora argumenta que a violência é normalizada e ocultada por meio de um “sistema desigual de valores” que desvaloriza sistemicamente mulheres e crianças. A análise de Salmona (2025) sobre o ciclo da violência, que com frequência se origina na infância, contextualiza o trauma não como um evento isolado, mas como um mecanismo social de perpetuação de poder. A perspectiva histórica de Bourke (2012) aprofunda essa observação, ao demonstrar como as narrativas públicas sobre o estupro, até meados do século XX, desconsideravam a injúria psicológica em favor de uma concepção de dano social e físico, vinculada à honra familiar e à capacidade econômica, o que denota uma estrutura de valores anterior à psicologização do sofrimento.

No capítulo dez, “How to care for victims and cure traumatic memory”, a autora inicia com uma denúncia da retraumatização das vítimas pelos sistemas de cuidado, que repetidamente ignoram a etiologia da violência para tratar apenas os sintomas. A argumentação de Salmona (2025) dialoga com as estratégias de prevenção primária apontadas por estudiosos como Lee et al. (2007), pois a falha sistêmica em prevenir a violência, conforme apontam estes autores, resulta em uma sobrecarga sobre os mecanismos de resposta terciária que Salmona (2025) critica como inadequados e até mesmo iatrogênicos, ou seja, causadores de sofrimento. A crítica da autora estende-se a modelos psiquiátricos que, por meio de psicofármacos e diagnósticos apressados, podem intensificar a expressão dissociativa em vez de saná-la.

Na sequência, Salmona (2025) apresenta sua proposição terapêutica, fundamentada na psicoterapia focada na memória traumática. O objetivo é a “reconexão córtico-límbica”, um processo de desminagem da memória que permite a sua ressignificação e integração no registro autobiográfico. A psiquiatra descreve um método clínico que instrumentaliza a vítima com ferramentas para nomear e compreender suas reações, interrompendo a revivescência do trauma. A centralidade desse modelo, que une a neurobiologia a uma perspectiva de gênero, é sustentada pela resenha de Brown (2015), que, ao resenhar a edição original da obra, destaca o trabalho de Salmona como um exemplo singular de produção médica com um quadro de referências feminista.

A conclusão da obra resume seu argumento-chave: a violência (sexual) é um problema político que demanda respostas fundamentadas em direitos universais. Salmona (2025) postula que

a compreensão dos mecanismos neurobiológicos do trauma deve servir de base para a formulação de políticas públicas eficazes de proteção e tratamento. Seu chamado para que as “feridas psicológicas” sejam reconhecidas e tratadas pode ser lido em perspectiva com a trajetória histórica descrita por Bourke (2012), que identifica a longa resistência das instituições médico-legais a essa mesma ideia.

A obra de Salmona (2025) representa a maturação de um corpo de trabalho dedicado à relação da neurociência clínica com a crítica social. O livro avança a partir das fundações estabelecidas em suas publicações anteriores, que se concentravam primordialmente nos mecanismos neurobiológicos do trauma infantil (Salmona, 2013). Na análise de 2018, a autora já articulava a “sideração psíquica”¹ e a “disjunção do circuito emocional” como respostas cerebrais à violência extrema (Salmona, 2018). A produção de 2025 amplifica essa base teórica para uma análise sistêmica, conectando os processos neurológicos individuais às estruturas sociais que perpetuam a violência sexual e garantem a impunidade dos agressores. A principal contribuição do livro está, portanto, na construção de um modelo integrado que não separa o dano neurológico do contexto sociopolítico que o possibilita, estabelecendo um diálogo rigoroso entre a clínica e a justiça.

Um dos pontos mais elevados da argumentação de Salmona (2025) é sua teorização sobre a psicologia do agressor, uma dimensão poucas vezes investigada com tamanha profundidade. A psiquiatra entende que o agressor, sendo ele mesmo uma vítima anterior de traumas não tratados, utiliza a violência como um comportamento dissociativo para gerir sua própria memória traumática. Esse mecanismo, que tem raízes nos processos de disjunção e anestesia emocional descritos em seus trabalhos prévios (Salmona, 2013, 2018), reposiciona o enfoque da análise para a genealogia da violência. Ao fazer isso, a obra vai além da dicotomia simplista vítima-agressor, posto que propõe uma explicação para a perpetuação cíclica da violência que é simultaneamente neurológica e social. Essa abordagem permite uma compreensão mais complexa do fenômeno, ao identificar a violência

¹ A *sideração psíquica* designa um estado de paralisia mental, conceituado como uma forma extrema de dissociação peritraumática, em que a intensidade do choque impede a elaboração simbólica do evento. Esse fenômeno, teorizado pelo psicanalista S. Ferenczi mediante o conceito de *clivagem*, resulta em uma lacuna na representação mental do trauma, cujas consequências tardias podem incluir manifestações somáticas e compulsões à repetição.

não como um ato isolado de maldade, mas como um sintoma disfuncional de um trauma não resolvido que se propaga através de relações de poder desiguais.

Apesar da força de seu modelo unificado, a obra de Salmona (2025) apresenta certas tensões teóricas que merecem alguma consideração do leitor. Mesmo que seja satisfatoriamente explicativa, a descrição do comportamento do agressor como um mecanismo neurobiológico para tratar um trauma progresso abre um debate complexo sobre a agência e a responsabilidade penal. Se a violência é uma compulsão dissociativa, a questão da imputabilidade jurídica se torna um campo de vulnerabilidade teórica que o livro não resolve por completo, ainda que a autora critique veementemente a impunidade sistêmica. Outro ponto de reflexão é a fusão entre a análise científica e o ativismo explícito, uma característica já presente em seus artigos (Salmona, 2013, 2018) e que atinge seu apogeu nessa publicação resenhada. A paixão que impulsiona a crítica social do livro é, de fato, uma de suas maiores virtudes; para uma parcela da comunidade acadêmica, essa mesma paixão poderá suscitar questionamentos sobre a manutenção de uma distância objetiva. Esses campos, longe de reduzirem o mérito da obra, apontam para caminhos interessantes de investigação sobre a relação entre neurobiologia, ética e direito no contexto da psicologia do trauma.

Referências

- BOURKE, J. Sexual violence, bodily pain, and trauma: a history. **Theory, Culture & Society**, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 25-51, 2012.
- BROWN, G. Muriel Salmona: Le livre noir des violences sexuelles. **Nouvelles Questions Féministes**, [s. l.], v. 34, n. 2, p. 136-139, 2015.
- CAZABAT, E. H. Evolución histórica del concepto de disociación. **Revista de Psicotrauma**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 42-45, mar. 2004.
- FELITTI, V. J. *et al.* Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: the adverse childhood experiences (ACE) study. **American Journal of Preventive Medicine**, New York (Estados Unidos da América), v. 14, n. 4, p. 245-258, 1998.
- KELLY, L. Le continuum de la violence sexuelle. Trad. do inglês para o francês por M. Tillous. **Cahiers du Genre**, Paris (França), v. 66, n. 1, p. 17-36, 2019. DOI: 10.3917/cdge.066.0017.
- KRUG, E. G. *et al.* (ed.). **World report on violence and health**. Geneva (Suíça): World Health Organization, 2002.
- LEE, D. S. *et al.* Sexual violence prevention. **The Prevention Researcher**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 15-20, 2007.
- NIEDERGANG, P.; PITERBRAUT-MERX, T. Violence sexuelle ou « initiation » ? Communautés, trauma et normativité queer. **GLADI**, [s. l.], n. 10, 2021.
- SALMONA, M. L'impact psychotraumatique des violences sur les enfants: la mémoire traumatique à l'œuvre. **La revue de Santé Scolaire & Universitaire**, Paris (França), n. 19, p. 21-25, 2013.
- SALMONA, M. La mémoire traumatique: violences sexuelles et psycho-trauma. **Les Cahiers de la Justice**, [s. l.], n. 1, p. 69-198, 2018.

SALMONA, M. **Sexual violence, dissociation, and inequality: a guide to understanding traumatic memory**. Trad. Kate Rose e Muriel Salmona. New York (Estados Unidos da América): Routledge, 2025.